

AS MÍDIAS SOCIAIS E O ÍNDIO ALDEADO: O CASO DOS KAINGANG E KRENAK DA ALDEIA VANUÍRE EM ARCO - ÍRIS/SP

ROBSON ALEX FERREIRA
ROSEMEIRE DIAS DE OLIVEIRA
Faculdades ESEFAP – Tupã – São Paulo – Brasil
alexrreira@yahoo.com.br

Introdução

No momento atual ocorre a superficialidade dos debates envolvendo questões étnicas, de respeito às diferenças e das questões de gênero abordados pelos meios de comunicação, pelas instituições escolares e pelas comunidades locais, fruto de uma exorbitante diversidade de raças que abriga nosso país. A sociedade brasileira detém pouco conhecimento sobre o indígena cuja ancestralidade é primeira em nosso país.

A escola, local adequado para a construção do conhecimento e que, portanto pode expandir as concepções de vida do índio atual divulga informações preconceituosas e estereótipos de imagens e informações contidas em livros didáticos permeados pelas ideologias dominantes que não simbolizam o índio como ele é no momento atual, recorrendo assim ao índio do passado. É comum serem atribuídos a esta raça adjetivos descomprometidos como a preguiça e a ociosidade ou ainda, suas moradias serem retratadas como sendo em ocas, ou seja, retratam a imagem sem considerar as especificidades de cada tribo ou aldeia.

No município de Arco Íris no estado de São Paulo, localiza-se o posto indígena Vanuíre. No local pode se encontrar 50 moradias de alvenaria, posto da FUNAI, igreja evangélica, salão comunitário, posto de saúde, salão comunitário, quadra poliesportiva e campo de futebol. As crianças e adolescentes pertencentes às tribos da aldeia, os Krenaks e os Kaingangs freqüentam até o 6º ano a escola da aldeia, depois são encaminhadas para a rede estadual paulista do não indígena, na cidade de Arco Íris para finalizarem a educação básica.

A escola conta com computadores para que os alunos possam utilizar como ferramenta no processo ensino aprendizagem, porém em diversos momentos, o uso é impossibilitado pelo número pequeno de equipamentos, pelo local, hora inapropriado ou ainda, por problemas técnicos.

A utilização das mídias também passa na concepção dos índios como instituições importantes de divulgação de identidades e de visibilidades, bem como de socialização, entretenimento e conhecimento que pode ser adquirido com o uso sistematizado de tal ferramenta, bastando para isto à oportunidade do contato entre os envolvidos, seja no ambiente escolar, coletivo ou na individualidade de suas moradias.

Com o objetivo de identificar a relação entre os adolescentes indígenas e as mídias sociais foram investigados por meio de uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa utilizando-se de um questionário aberto, adolescentes das tribos Kaingang e Krenak da aldeia Vanuíre no município de Arco Íris/SP.

Desenvolvimento

Assim como as diversas culturas e em especial à cultura do branco, os indígenas em especial, aqueles que mantêm um contato próximo aos moradores das cidades, também compartilham do desejo do usufruto de novas tecnologias como ao uso da internet . Esse desejo pode se alcançado no ambiente escolar, na própria aldeia ou ainda nas idas às cidades, em casas especializadas ao uso da internet como nas lan houses.

Poucas são as aldeias que têm acesso à internet, famílias indígenas aguardam a beira de estradas a retomada de suas terras, aldeados batalham por melhores condições de vida a começar por uma melhor alimentação, ficando o uso a rede de computadores em segundo ou porque não último plano, dessa forma, não se pode afirmar que a inclusão digital seja uma

realidade dessa etnia, no entanto a indícios de que haja focos digitais em comunidades específicas, cujos objetivos quanto ao uso dessa tecnologia pode vir a diferir da cultura do homem “branco”.

Para Costa (2010) a proximidade das comunidades indígenas aos centros urbanos faz com que os índios acessem os instrumentos disponíveis das tecnologias de informação e comunicação, trazendo esses recursos e os incluindo no seu dia a dia e nas suas relações de sociabilidade. Muitas crianças e jovens são expostas desde cedo à televisão e à internet, o que pode ser considerado natural para quem vive nas fronteiras culturais. O problema é que grande parte destas crianças só tem acesso às produções culturais do ocidente. O conhecimento produzido pelos povos indígenas, nestes espaços que se constituem com as novas tecnologias, fica do lado de fora. Por outro lado, essas mídias têm servido para dar visibilidade e ‘guardar’ a história e a memória da comunidade indígena, dentro de recursos tecnológicos que atraem o olhar do índio e também fazem com que os mesmos sintam-se incluídos no mundo, pois a cultura deles também é difundida para a sociedade.

O ciberespaço pode ser considerado um local de construção de aprendizagem, e a escola deve funcionar como um espaço para gerar e socializar material de ensino e aprendizagens. As TIC (Tecnologia de Informação e Comunicação) contribuem para a geração e o usufruto de um número considerável de informações que ocorre por meio diversos, como as mídias digitais o que facilita a comunicação.

As tecnologias invadiram o dia a dia das pessoas, seja pelo uso de equipamentos sofisticados ou pelo simples acesso de uma cópia de DVD ou CD pirata. Há locais cujo acesso se dá em maiores proporções e aqueles onde o uso ainda é restrito. Dessa forma, os índios foram atraídos pelo uso de toda essa tecnologia, possivelmente devido ao fato do convívio com a cultura “branca”, que ocorre com maior frequência no ambiente escolar e no convívio com as cidades urbanas, o que nos direciona para imagens hoje consideradas um tanto quanto corriqueiras, como o fato de podermos visualizar indígenas com o uso de telefones celulares, DVDs, câmeras, rádios e inclusive computadores portáteis.

Muitas crianças indígenas, mesmo vivendo com suas famílias, bem cedo são expostas à escola ocidental, à televisão e até mesmo à internet, o que é natural para quem vive nas fronteiras culturais. O problema é que grande parte destas crianças só tem acesso às produções culturais do ocidente. O conhecimento produzido pelos povos indígenas, nestes espaços que se constituem com as novas tecnologias, fica do lado de fora (COSTA, 2010).

Pensar o indígena é levar em consideração a sua inserção na sociedade ou como bem afirma Martín-Barbero, as culturas indígenas como parte integrada à estrutura produtiva do capitalismo, mas sem que sua verdade se esgote nisso. Desconhecer o primeiro equivale a remeter a identidade cultural a um tempo mítico, a uma continuidade a - histórica que impossibilita a compreensão das mudanças sofridas por essa identidade. Desconhecer o segundo, contudo, seria fazer o jogo da lógica do capitalismo, cair na cilada de lhe atribuir a capacidade de esgotar a realidade do atual, que é o que fazemos ao negar ao índio sua capacidade de desenvolver-se em suas culturas, capacidade que é inaceitável tanto para a explicação economicista quanto para a politização imediatista (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 273)

No que se refere às redes sociais, verifica-se que elas favorecem os intercâmbios sociais, pois possibilitam aos sujeitos vivenciar relações para além das suas comunidades locais. Ou seja, o indivíduo que participa de uma comunidade como o orkut, em sua maioria busca encontrar amigos e participar de discussões sobre temas de seu interesse nos fóruns de discussões em algumas das milhares comunidades disponíveis no site. De acordo com Santana (2006), é incontestável que muitos dos adolescentes na atualidade são participantes destas redes sociais. No Brasil há indícios de que o Facebook e o Orkut sejam as redes sociais mais acessadas e vêm ganhando cada vez mais ferramentas que aproximem e tornem mais

fácil o diálogo e a interação entre sujeitos. O grupo social que mais utiliza estas mídias e participa destes ambientes é o adolescente. Com isso não se pode dizer que outras faixas etárias não as utilizem ou naveguem na internet. A rede é hoje permeada pelos mais diversos tipos de sujeitos. No entanto, estudos apontam que os adolescentes – entre 12 e 18 anos – são a população com maior presença e interação na internet.

Este dado pode ser entendido a partir da noção de cultura digital que é intrínseca aos jovens nascidos a partir da década de 80, que nasceram envolvidos em um oceano de informações (MARTINO, 2005), interagindo diariamente com computadores, controle remoto, videogames e mais uma centena de tecnologias.

A utilização das mídias também passa na concepção dos índios como instituições importantes de divulgação de identidades e de visibilidades. É interessante destacar que os indivíduos e as formas de relação entre eles são alimentadas pela mídia porque a maior parte dos conhecimentos acerca do mundo, dos modelos de papel, dos valores e dos estilos de comportamento chega à mente humana não pela experiência direta do mundo físico e das relações com os outros, mas cada vez mais pela mediação dos meios de comunicação. E diversas questões passam a habitar a mente humana, a partir da discussão por esses meios. Esses meios se tornam fundamentais como suportes de inclusão e exclusão sociais e de controle das coisas que acontecem no mundo (COSTA, 2010, p. 62).

No entanto, o uso da internet não possui os mesmos significados para aqueles que dela se usufruem. Num estudo realizado por Almeida e Pimenta (2002), foi verificado que os adolescentes entrevistados permanecem de 10 a 45 horas semanais conectados à Internet, porém não conseguem atribuir motivos para tal comportamento. Foi obtido como resposta “sei lá, nunca pensei sobre isso”, “... sou mesmo viciado na net”, “Nunca parei para pensar nisso, mas acho que sou diferente aqui, eu gosto”. “Você acha muito! Passa tão rápido principalmente quando se faz o que não pode fazer no dia-a-dia”, etc.

Para Martins et. al (2009), o constante desenvolvimento das tecnologias e da internet como ferramenta interativa deram vida ao que se conhece hoje como redes sociais virtuais. Muito se tem escrito sobre o surgimento, crescimento e desenvolvimento das redes sociais virtuais, mas pouco se fala quanto à sua utilidade na construção do conhecimento ou aprendizagem dos indivíduos no processo educacional. Atualmente, de modo geral, a percepção que se tem sobre as redes sociais é um tanto negativa, já que são apontadas, apenas, como meios de distração, onde os estudantes estariam perdendo horas do seu dia, que poderiam estar sendo aproveitadas para estudar e aprender, navegando em páginas virtuais que não agregam nenhum valor à construção do conhecimento.!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

As mídias sociais como o facebook, o orkut e o social network tem estruturas próprias de funcionamento que se assemelham em muitas situações. Por exemplo, “o social network” possui estrutura de funcionamento simples é usual para um Ambiente Virtual; nele, só se pode entrar com convite, o que evidencia uma organização sociocultural e afetiva, com leis e códigos desenvolvidos no e para o ciberespaço, como se todos fossem de alguma forma ligados.

Esses sistemas funcionam com o primado fundamental da interação social, ou seja, buscando conectar pessoas e proporcionar sua comunicação e, portanto, podem ser utilizadas para forjar laços sociais. (RECUERO, 2004)

O Orkut, o twitter, o facebook e o myspace dentre outros, ao fazerem parte das redes sociais virtuais podem e devem utilizar recursos diversos, tais como, e-mails, fóruns, chats, listas de discussão, newsletters e softwares sociais.

Em um estudo realizado por Lima (2010), na qual investigou a relação do jovem com o Orkut, a autora aponta como hábitos mais frequentes dos que utilizam a internet, acessar sites de relacionamento, como Orkut, MySpace e Facebook (81%), ler notícias (79%), trocar mensagens instantâneas e ler e-mails (76%) dos entrevistados. A maioria também costuma

fazer pesquisas para a escola (70%), baixar músicas (61%) e assistir vídeos (58%). No que se refere ao bate papo, 43% possuem tal costume e a maioria (57%) não têm esse hábito. Fazem pesquisas para o trabalho 37%, lêem blogs 32%, baixam filmes 23% e escrevem em blogs 19%. Analisando os resultados acima, percebe-se que 81% dos entrevistados, independentes da classe social, costumam acessar redes sociais.

Na avaliação do psicólogo Moscovici (1969), a mídia, de uma forma geral, cria as condições de nascimento, circulação e penetração das representações sociais, dos sistemas cognitivos com uma linguagem e uma língua própria e acrescenta ainda o autor:

(...) sistemas de valor, idéias e práticas com uma dupla função: estabelecer uma ordem para capacitar os indivíduos a se orientar em seu mundo material e social e controlá-lo; possibilitar a comunicação e os membros de uma comunidade (1969, p.13)

No município de Arco Íris localiza-se o posto indígena Vanuíre. As crianças e adolescentes pertencentes às tribos da aldeia freqüentam até o 6º ano a escola da aldeia, depois são encaminhadas para a rede estadual paulista do não indígena, na cidade de Arco Íris para finalizarem a educação básica.

De acordo com Cruz (2007), o oeste paulista tem uma particularidade quanto aos povos indígenas, em todos os postos convivem mais de uma etnia, que trocam experiências, se negam, se reafirmam e se relacionam, fazendo alianças através do casamento, da política, da religião e da cultura, como formas de assegurar forças!!!!!!!

O contato desses indígenas com a rede mundial de computadores ocorre ao menos no ambiente escolar, durante algumas aulas pré determinadas. No entanto, outras tribos têm o contato com o ambiente virtual em locais que extrapolam o escolar, contatos estes por iniciativa própria ou pela criação de projetos que visem uma inclusão digital a segmentos menos favorecidos. Com relação a isto, Silva (2011) relata que os meios de comunicação digitais tecnicamente são um campo ainda pouco explorado dentro da prática comunitária, mas com grande potencial de expansão e utilização, como se vê a partir do exemplo do portal Índios Online, que desde 2004 serve como veículo de comunicação para grupos nativos indígenas e mesmo não-indígenas de todo o país. No caso da criação da rede Índios Online, a partir da iniciativa da Organização Não-Governamental (ONG) Thydewá (sediada em Salvador - BA), é relevante lembrar que esta iniciativa de inclusão digital é paralela a outras atividades de caráter voluntário: oficinas realizadas por facilitadores nas áreas de saúde, jornalismo étnico, educação, cidadania e direitos, economia solidária e agroflorestagem; atividades voltadas tanto para os próprios indígenas quanto para a comunidade em geral.

Para compreender como se dá a relação entre os índios Kaingangs e o Krenaks com as mídias sociais optamos por uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa com uso de procedimentos estatísticos.

Participaram deste estudo 18 índios da aldeia Vanuíre, sendo destes 11 homens e 7 mulheres, com idade entre 13 e 17 anos. Para a coleta dos dados, utilizou-se de cinco questões chaves que atenderam ao anseio do estudo e foram analisadas estatisticamente.

Pode-se constatar que quando indagados a respeito de acessarem as redes sociais em algum momento de suas vidas, seja diária ou mensalmente, 65% dos homens e mulheres indígenas afirmaram acessar as redes e conseqüentemente 35% afirmaram não acessarem as redes em momento algum de suas atitudes até o momento atual, evidenciando que a relação entre os adolescentes indígenas e as mídias sociais acontece, não para todos, mas para a grande maioria dos entrevistados.

Quando a indagação questionou a freqüência com que ocorria o acesso as redes os homens afirmaram que tal atitude ocorre ao menos entre 4 e 5 vezes ao mês. Enquanto as mulheres indígenas ressaltaram que tal ato ocorre um pouco menos entre 2 e 3 vezes mensais. Para a questão sobre o local onde ocorrem tais acessos as respostas se concentraram nas lan houses, pois não há acesso a internet na aldeia, no entanto, uma resposta atribuiu ao telefone

celular o acesso as redes, possivelmente quando este indígena se desloca as cidades próximas.

O principal motivo que leva os indígenas ao acesso as redes sociais foi em ordem estatística: 35% afirmaram ficar informados e conhecer o mundo, o motivo do acesso as redes, outros 35% afirmaram a comunicação com parentes distantes o principal motivo e, 30% afirmaram conhecer pessoas novas o pretexto para acessar as mídias sociais.

A última questão realizada foi destinada aqueles que não têm acesso as redes e indagava sobre o interesse em poder acessar as redes sociais. Dos entrevistados 100% afirmaram desejar ter a possibilidade do acesso as redes alegando como principais motivos o contato com o mundo e a informação que tal atitude possibilita para aqueles que acessam as redes sociais.

Considerações finais

Objetivamos com este estudo compreender a relação existente entre adolescentes indígenas aldeados e as mídias sociais. Pode-se perceber com as respostas obtidas um percentual elevado de indígenas jovens que fazem uso da internet, especificamente acessando as redes sociais como o facebook, o orkut e/ou social network. Percebeu-se ainda, o interesse de todos os envolvidos que afirmaram não ter a possibilidade de acesso, de em algum momento acessar as redes visando o contato com o mundo e a informação. Outra informação importante foi o motivo de tais acessos se concentrarem no contato com parentes distantes o que indica a dificuldade de tais relacionamentos presenciais, fruto possivelmente da dificuldade de acesso financeiro.

As respostas encontradas nos evidenciam a construção de um índio novo que em algum momento usufruí das tecnologias existentes e por necessidades específicas que tal etnia possui, desmistificando o retrato que os livros didáticos e grande parte da imprensa apresentam em suas informações repassadas a população.

O número restrito de acesso a rede demonstra a grande dificuldade que esta população tem em usufruir o que é corriqueiro a população local, seja em seus lares, casas ou aparelhos especializados, o que demonstra a necessidade de políticas públicas de inclusão digital a esta população tão marginalizada e desprovida de recursos que atendam as suas reais necessidades.

O adolescente indígena da aldeia Vanuíre deseja fazer parte do mundo sem ao mesmo tempo perder sua origem, seus hábitos e costumes que os fazem indígenas. É uma necessidade que se faz presente no contato com a cultura do homem branco, visando não ficar alienado ao que está ao seu redor, afinal a convivência com a cultura ocidental é uma constante desses moradores, seja no ambiente escolar, na venda de artesanatos ou nas idas e vindas às cidades próximas.

Referências

ALMEIDA, L. P. T.; PIMENTA, M. R. V. **As dificuldades que permeiam o desenvolvimento biopsicossocial do adolescente usuário de internet: um estudo de suas redes de relações.** Trabalho de Graduação apresentado ao curso de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde Belém/PA 2002

COSTA, A. C. **A comunidade indígena e o mundo tecnológico: reflexões sobre os impactos das mídias sociais na vida dos Aikewára.** 3 simpósio hipertexto e tecnologias da educação: redes sociais e aprendizagem – anais eletrônicos em <http://www.ufpe.br/nehte/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2010/Alda-Cristina-Costa.pdf>.

Acesso: 24.08.2011

_____. **O embate entre o visível e o invisível: a construção social da violência no jornalismo e na política.** 2010. 346 f. Tese (Doutorado em Ciências sociais) – Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

LIMA, L. S. H. **O jovem e a sua relação com Orkut: socialização, informação, afeto e imaginação.** Comtempo, Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero Volume 2, número 1 - Junho 2010 In: <http://www.revistas.univciencia.org/index.php/comtempo>. Acesso: 22.08.2011

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** 2ª. Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. 369.

MARTINO, L. M. S.. **Comunicação: troca cultural?** São Paulo: Paulus, 2005.

MARTINS, G. J. T.; MARTINEZ, G. A. P.; LUZ FILHO, S. S.; PEREIRA, M. F. **A contribuição das redes sociais virtuais para a aprendizagem e construção do conhecimento: evidências em estudantes de cursos de graduação.** IX Colóquio Internacional sobre Gestão universitária na America do sul , Florianópolis, 2009.

MOSCOVICI, S. **La psychanalyse, son image ET son public.** Paris: Presses Universitaires de France, 1969.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet: considerações iniciais.** XXVII INTERCOM. Porto Alegre, 2004.

SANTANA, C. L. S. **Comunicação e cultura digital: o tecer inicial dos fios.** In: Seminário Gamepad – GT Cultura pop. Novo Hamburgo- Rio Grande do Sul, Nov. 2006.

SILVA, B. L. **O Uso da Internet na Comunicação Comunitária: Análise do Portal Índios Online1.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Prêmio Expocom 2011 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação, 2011.

Rua Antonio Castro Lopes, 105 Tupã/SP – CEP 17605-552 Brasil